



SEÇÃO: PHILOSOPHY & INTERDISCIPLINARITY

Nietzsche e a linguagem: a racionalidade enquanto impulso de expressão da verdade pelo perspectivismo em arte e dança

Nietzsche and the language: rationality as an impulse of expression of truth by the perspectivism in art and dance

Nietzsche y el lenguaje: la racionalidad como impulso de expresión de la verdad a través del perspectivismo en el arte y la danza

Adilson Felício Feiler¹

orcid.org/0000-0001-7352-927X
afeiler@unisinis.br

Recebido em: 30 jul. 2021.

Aprovado em: 01 out. 2021.

Publicado em: 06 abr. 2022.

Resumo: Entre as características fundamentais que se depreendem da obra de Nietzsche está a sua alta capacidade de expressão estilística. A forma com que o filósofo aborda inúmeros temas é permeada por uma linguagem que faz eco ao seu pensamento, expresso em arte e dança. De uma verdade absoluta e unilateral ele conduz a uma visão perspectiva plural, de modo que a linguagem, com a sua multiplicidade de figuras, chancela este processo de desconstrução metafísica. A concepção organicista, que caracteriza o pensamento nietzschiano, compreende instintos que apontam para disposições artísticas, vitais fundamentais, fazendo com que o sentido seja aparência, o conceito seja metáfora, e a verdade seja perspectiva. A expressão resultante deste campo, anímico, aparente, metafórico e perspectivístico se traduz em linguagem, fazendo com que o conjunto aforismático que compõe a obra nietzschiana constitua um todo, pautado pela crítica à cultura, precisamente em sua compreensão moderna. Em que aspectos o pensamento de Nietzsche, marcado por um procedimento diagnosticador dos valores morais, metafísicos da cultura, tem na linguagem um poderoso ingrediente de desconstrução? Sendo a linguagem a expressão pela qual a verdade se apresenta, não estaria Nietzsche ainda operando no registro da razão?

Palavras-chave: Nietzsche. Linguagem. Cultura. Arte. Valores.

Abstract: Between the main characteristics that came from the Nietzsche's work is his big capacity of stylistic expression. The form as the philosopher shows various themes is permeated by a language that link with his thought, expressed in art and dance. From the absolute and one-side truth he carries to the plural perspective vision, so that the language, with the multiplicity of figures, seals of approval this process of metaphysical deconstruction. The organist conception, that characterizes the Nietzschean thought, comprehends instincts that indicate to artistic main vital dispositions, making sense to be appearance, concept to metaphor and truth to perspective. The resulting expression from this apparent, metaphorical and perspectivistic soul field translates into language, doing with that the aphorismatic suit that composes the nietzschian work constitutes a whole established by the critic to culture, precisely in its modern understanding. In what aspects the Nietzsche's thought, appointed by diagnose procedure metaphysical moral values of culture, has in the language an ingredient powerful of deconstruction? Since language is the expression by which truth presents itself, would not Nietzsche still be operating in the register of reason?

Keywords: Nietzsche. Language. Culture. Art. Values



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinis), São Leopoldo, RS, Brasil.

Resumen: Entre las características fundamentales que se pueden inferir de la obra de Nietzsche está su alta capacidad de expresión estilística. La forma en que el filósofo aborda numerosos temas está impregnada de un lenguaje que se hace eco de su pensamiento, expresado en el arte y la danza. Desde una verdad absoluta y unilateral, conduce a una perspectiva plural, de modo que el lenguaje, con su multiplicidad de figuras, avala este proceso de deconstrucción metafísica. La concepción organicista, que caracteriza el pensamiento de Nietzsche, comprende instintos que apuntan a disposiciones artísticas, elementos vitales fundamentales, transformando el sentido en apariencia, el concepto en metáfora y la verdad en perspectiva. La expresión resultante de este campo animico, aparente, metafórico y perspectivista se traduce al lenguaje, haciendo que el conjunto de aforismos que componen la obra de Nietzsche constituya un todo, guiado por la crítica de la cultura, precisamente en su comprensión moderna. ¿En qué aspectos el pensamiento de Nietzsche, marcado por un procedimiento diagnóstico de valores morales, metafísicos de la cultura, tiene en el lenguaje un poderoso ingrediente deconstructor? Dado que el lenguaje es la expresión mediante la cual se presenta la verdad, ¿no estaría Nietzsche todavía operando en el registro de la razón?

Palabras clave: Nietzsche. Lenguaje. Cultura. Arte. Valores.

Introdução

O pensamento de Nietzsche é caracterizado, basicamente, pela ruptura com a modernidade, compreendida pelo período que se principia em Sócrates. Trata-se de um período que ultrapassa dois milênios. Basicamente, com o advento de Sócrates o acento ao pensamento filosófico é dado à razão em detrimento às paixões e outras disposições instintuais, as quais eram cultivadas no período anterior a Sócrates. Nietzsche critica a modernidade ao longo de toda a sua obra, desde os seus textos de juventude até os de sua maturidade, sobretudo, como citado por Ivo da Silva Júnior, “[...] as ideias progressistas de justiça, liberdade e igualdade”.² Mesmo que o referencial da crítica de Nietzsche se estabeleça sobre o seu tempo, “[...] o filósofo estima que a modernidade não se inicia com Descartes [...] mas com Sócrates na antiguidade clássica”.³

Apesar de que o pensador francês seja reconhecido como o pai do racionalismo, a modernidade se destaca como desconstrução da aristocracia, da guerra e do espírito pela introdução

do pensamento dialético, que esfacela o mundo grego em justificações que operam toda sorte de dicotomias entre mundo real e ideal, sensível e inteligível. Com isso, pela oposição marcada aos instintos, Nietzsche vê em Sócrates o início da degenerescência fisiológica, já que toda a fraqueza e degenerescência é, via dialética, supervalorizada em detrimento aos nobres e fortes.

As exigências da modernidade, pela igualdade, democracia e liberdade, atingem seu ápice dos ideais metafísicos pela vontade de verdade que sufoca a vontade de potência. O filósofo alemão tem, neste sentido, um afeto todo especial para com a antiguidade clássica, mediante a qual antevê o ultrapassamento da modernidade. Entre os gregos antigos se cultivava a hierarquia instintual que promovia o valor de força por excelência: a vida. Esta última é originada, sustentada e fomentada pelas pulsões instintivas que se depreendem das disposições artísticas fundamentais do ser humano: a apolínea e a dionisiaca. Pela confluência entre estas disposições a expressão não é outra senão a tragédia. E, por mais angustiante e, aparentemente, insustentável que seja o fato, na tragédia ao humano cabe o nobre engajamento em busca de superação. Superação em Nietzsche significa afirmação da vida.

Diante dos aspectos anímicos que caracterizam a filosofia nietzschiana, se entende que a concepção de verdade, vigente na tradição de pensamento metafísico já não faz mais sentido; ou seja, aquela compreensão metafísica alicerçada sobre a noção de verdade, entendida como tábua de valores, fixos e eternos, dá espaço para perspectivas mutáveis e instantâneas. Tais perspectivas obedecem a um ritmo irregular de pontos sempre mais culminantes de potência que buscam assenhoreamento, contudo, não passam de instantes, mas que em sua durabilidade constituem uma plenitude. São estes instantes de plenitude que vão perfazendo vários epiciclos que eternamente retornam. Portanto, aquela compreensão metafísica de verdade, dentro desta nova compreensão de pluralidade de forças

² SILVA, 2016, p. 307.

³ Ibidem, 2016, p. 307.

que buscam assenhorar-se, explode em multiplicidades de interpretações e de perspectivas. Nesta compreensão, a linguagem cumpre um papel fundamental, pois é através dela que se manifesta esta multiplicidade de perspectivas. A verdade, nesta compreensão anímica, se torna perspectiva. Pela linguagem se pode expressar a grande multiplicidade de interpretações possíveis para uma infinidade de coisas que compõe o mundo da vida. Por essa razão, a verdade passa a ocupar um espaço diferente daquele que até então a pesquisa de Nietzsche tem compreendido como algo a ser superado. O próprio Nietzsche reconhece a importância de se querer "[...] as consequências agradáveis da verdade, que conservam a vida".⁴ As consequências da verdade estão ligadas a uma racionalidade mediante a qual se dá o impulso para a sua expressão, o qual ocorre de maneira perspectiva, pelo perspectivismo linguístico; por este se supera a verdade em sua dimensão metafísica para afirmá-la em sua dimensão vitalista. Dentro da esfera vitalista, com Nietzsche, perguntamos: "O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas".⁵ As coisas se tornam conhecidas não como essência, em si mesmas, mas "[...] só se dão a conhecer como relações".⁶

Nietzsche apresenta o seu pensamento mediante recursos linguísticos que rompem com aquele que usualmente a filosofia costuma empregar, sejam estas metáforas, metonímias, antropomorfismos e outras figuras de linguagem. Em grande parte, a sua formação filológica granjeou-lhe esta capacidade. Ao invés do discurso contínuo e sistemático, o filósofo de Naumburg dispõe do recurso aforismático. Pelo aforismo, compreendido em sua forma descontínua e, aparentemente, inacabada se expressa um pensamento: o de que o conhecimento não se pode esgotar

todo em uma expressão linguística, bem como dela, não consegue alcançar o seu acabamento. A forma mesma da linguagem nietzschiana aponta para o conteúdo que se quer expressar, o de que o conhecimento se constitui em um movimento constante de momentos de superação e, a cada um destes momentos, uma plenitude é atingida e, nessa, o sentido se abre. Contudo, esse não passa apenas de um momento, de um instante fugidivo a dar espaço a um conjunto infundável de momentos que continuamente perfazem o ciclo do retorno.

Dentro desta perspectiva linguística, o sentido que dela se colhe também rompe com a maneira tradicional metafísica. Pois, uma vez que a verdade se torna perspectiva, então, também o sentido não mais aponta para um telos, um fim e sim para o *fatum*, diante do qual se depreende um máximo de força com a intento de alcançar superação. Por isso, o sentido em Nietzsche já não se encontra mais para além das estrelas, tal como Nietzsche apresenta logo ao início de seu escrito: *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, mas se encontram em cada nova perspectiva que se desenha; ou seja, está na terra, no mundo da vida, dos quais demanda uma infundável manifestação instintual.

Zaratustra chama atenção para que o além do homem nasça, mas para isso, faz-se necessária a quebra de antigas tábuas, longe daqueles antigos pré-conceitos, para que assim, o homem da terra possa nascer. Este homem da terra aponta para o sentido sob o qual o pensamento de Nietzsche se assenta: o de promover um conhecimento circunscrito aos limites do mundo da vida; um conhecimento orgânico, vitalista, configurado como uma obra de arte. O filósofo passa a ser, nesta nova perspectiva, criador de novos valores, assentados em novas bases; um criador para além das concepções metafísicas morais de

⁴ WL/VM, I, KSA, 1.879. Para as citações das obras de Nietzsche adotamos a Edição Crítica Alemã Colli & Montinari: KSA (*Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*) e das Cartas KGB (*Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe*); após a sigla indicando a obra, em Alemão/Português: FW/GC – *Die fröhliche Wissenschaft* (A gaia ciência), Za/ZA – *Also sprach Zarathustra* (Assim falava Zaratustra), GM/GM – *Zur Genealogie der Moral* (Genealogia da moral), AC/AC – *Der Antichrist* (O anticristo), GD/Cl – *Götzen-Dämmerung* (Crepúsculo dos ídolos), WL/VM – *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinn* (Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral). Nc/FP – *Nachlass* (Fragmentos Póstumos), Br/Cr – *Briefe* (Carta), segue o número, em romano, indicado o capítulo, se tiver, o número do aforismo, KSA ou KGB, o número do volume e a página

⁵ Ibidem, I, KSA, 1.880.

⁶ Ibidem, I, KSA, 1.885.

bem e mal; um filósofo artista. No movimento deste criar há um impulso *Trieb* que se revela como uma forma de racionalidade, pois intende tornar-se acessível à compreensão a qual deve estar pautada por uma multiplicidade de perspectivas de interpretação linguística.

O itinerário proposto tem a intenção de explicar a forma pela qual Nietzsche apresenta o seu pensamento, ou seja, a sua linguagem empregada, e, conseqüentemente, avaliar em que medida a forma segue o seu conteúdo; o seu sentido. Logo, analisar-se-á em que medida é possível, da linguagem perspectivística empregada por Nietzsche, derivar o sentido do homem de terra, visado por ele. Para tanto, na sequência de três momentos, se buscará aprofundar a questão acima, pela via epistêmica, estética e moral. No primeiro momento será debatida como pela linguagem, inaugurada por Nietzsche, se atinge um sentido epistêmico, ou seja, como desta expressão linguística se alcança alguma forma de conhecimento. Este é intitulado: "Linguagem e sentido na esfera de uma nova episteme." Na sequência, se apresentará as implicações estéticas que se depreendem da forma pela qual a linguagem se alinha no pensamento nietzschiano. Seu título é: "A arte como expressão do criador que fala e sente." No terceiro momento, será discutido sobre a problemática derivada da relação do estilo linguístico de Nietzsche com os valores, no intuito de associar o advento do homem da terra com o sentido de criação para além do bem e do mal. Este tem como título: "Linguagem como sentido de criação de novos valores." Na esteira destes três momentos se procura responder em que medida Nietzsche segue operando no registro da lógica da racionalidade empenhada em expressar e esclarecer, mediante a linguagem, entendida enquanto impulso da expressão da verdade, que se apresenta sob a forma de arte e de dança.

1 Linguagem e sentido, na esfera de uma nova episteme⁷

Em seu escrito: *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral* Nietzsche considera arte de engano a forma com que, pelo intelecto, se pretende conservar o indivíduo. "O intelecto, como meio para a conservação do indivíduo" (*WL/VM*, I, KSA, 1.876). Neste intento do intelecto, o filósofo, de imediato, aponta uma contradição, a de que é impossível conservar o que de por si se pode estabelecer em moldes cristalizados pois a concepção de indivíduo goza, dentro da esfera vitalista, de uma pluralidade de impulsos e afetos em ebulição constante. Por essa razão, o filósofo alemão constata que, na esfera do modelo da razão intelectual, o indivíduo não é nada mais senão disfarce, máscara e engodo em nome de um impulso à verdade. Pela busca da verdade, "[...] é descoberta uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, e a legislação da linguagem dá também as primeiras leis da verdade: pois surge aqui pela primeira vez o contraste entre verdade e mentira".⁸

É importante notar o papel que Nietzsche atribui à linguagem neste processo de contribuir para a constituição da verdade, mediante designações às coisas, fazendo assim com que a mentira pareça verdade. "Símbolo da verdade proibida: *fiat veritas, pereat mundus*.⁹ Símbolo da mentira proibida: *fiat mendacium! pereat mundus*".¹⁰ Tanto a mentira como a verdade acabam fazendo com que o mundo pereça, pois consistem na carga de rótulos linguísticos pré-estabelecidos, impedindo a flexibilidade e o movimento. Scarlett Marton, a este respeito corrobora a ideia de que "Nietzsche [...] sustenta que a crença numa verdade inscrita nas palavras coincide com a origem mesma da linguagem".¹¹ Portanto, aqui se constata um mal uso das palavras, tornando-as fixas pela convenção que delas se faz em um processo de universalização apressado por obra do rebanho.

⁷ Quando se fala de Nova Episteme se refere a uma nova forma de conhecer. Trata-se de um tipo de conhecimento que ultrapassa a compreensão tipicamente tradicional, fundada na razão metafísica, para se estabelecer em novas bases, que no decorrer do artigo será explicitada.

⁸ *WL/VM*, I, KSA, 1.877.

⁹ Do latim "Faça-se a verdade, pereça o mundo."

¹⁰ Do Latim: "Faça-se mentiras, pereça o mundo."; *Nc/FP* do verão e outono de 1873, 29[8], KSA, 7,623.

¹¹ MARTON, 2000, p. 206.

Eugen Fink, por isso, se pronuncia: "[...] a linguagem é [...] uma soma de convenções, de fixações, de denominações que passam a ser válidas".¹² O ser humano aprendeu a mentir em rebanho, "No momento em que indivíduos procuraram viver gregariamente, surgiu a necessidade de fixar uma designação das coisas".¹³ Com isso, há um movimento que faz com que essa mentira adquira o estatuto de verdade, e que pela linguagem e pela razão vai alcançando níveis sempre mais universais e incondicionados. De acordo com as análises de Werner Stegmaier, "Com a razão, ela apreende seu caráter incondicionado, que é, segundo Nietzsche, um 'preconceito da razão'".¹⁴

A linguagem acaba sendo um veículo de disseminação da mentira tornada verdade, auxiliada pelo mecanismo do esquecimento. Pelo esquecimento, o ser humano se torna incapaz de estabelecer as devidas distinções entre ilusão e verdade, tomando o mentiroso por verdadeiro, no sentido de apostar em uma verdade do ser. Jacques Derrida, no contexto da dificuldade em se atingir a verdade do ser, reconhece o "[...] abismo da verdade como não verdade, o desvelamento como velamento, o esclarecimento como dissimulação".¹⁵ Àquelas verdades do ser, bem como às verdades científicas se opõem "[...] 'verdades' de um tipo totalmente diferente com as mais diversas espécies de emblemas".¹⁶ Estas verdades compõem a variada gama de estímulos e impulsos que a linguagem, em sua dimensão perspectiva, apresenta. Ao esquecer que uma palavra não é nada mais senão um conjunto composto por estímulos nervosos e sons, quando essa é aplicada a objetos, se crê serem esses objetos tal e qual designado pelas palavras. A verdade, por isso, se origina pelo esquecimento do fato de que as palavras se compõem pelo conjunto de estímulos e sons aplicados às coisas.

Assim, também ao associar um estímulo nervo-

so a uma causa externa é no mínimo apressado, "[...] resultado de uma aplicação falsa e ilegítima do princípio da razão";¹⁷ a dimensão de causalidade, que se depreende da razão, em grande parte, provoca o falseamento das proposições utilizadas. Pelas palavras é sabido que não é possível atingir a verdade senão apenas leves aproximações, metáforas das coisas. "Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora".¹⁸ Aquilo que, muitas vezes, se toma por verdade não passa de metáfora das coisas, de imagens e figuras que se apresentam como ferramentas para fins de ênfases em situações muito específicas. Longe de estar ligado às essências delas, não passam de figuração. Diante disso, se pergunta em que medida uma figuração, uma impressão pode ser elevada ao estatuto de verdade? Eis aqui uma excelente provocação àqueles que fazem basear suas conclusões e decisões em impressões, e pior ainda quando essas forem dadas por terceiros, tornando-se definitivas. Em uma carta dirigida à Malvida von Meysenburg, Nietzsche, se pronuncia sobre o estatuto de verdade que se acaba assumindo: "Porém isso é uma verdade! De tempo em tempo, deve-se, através de relações com homens bons e fortalecidos deixar inculcar, de certo modo, o novo, senão se perdem os lemes singulares e despedaçam-se sempre mais desalentados".¹⁹ Quanto mais se inculcar novos conceitos às coisas, tornando-os provisórios, tanto mais se ganhará em flexibilidade, afastando-se de doutrinações que encobrem a riqueza em que consiste o mundo da vida.

De uma metáfora, de uma figuração das coisas facilmente, surgem generalizações que pretendem o estatuto de verdade, o que leva a se viver em um mundo de fantasias, crendo ser o mundo verdadeiro, quando não passa de pura falsidade.

¹² FINK, 1988, p. 34.

¹³ MARTON, 2000, p. 207.

¹⁴ STEGMAIER, 2013, p. 38.

¹⁵ DERRIDA, 2013, p. 88.

¹⁶ WL/VM, II, KSA, 1.886.

¹⁷ Ibidem, I, KSA, 1.878.

¹⁸ Ibidem, I, KSA, 1.879.

¹⁹ Br/Cr Carta à Malwida von Meysenburg, de 5 de abril de 1873, 302, KGB, 4.142.

E o pior é quando isto implica em decisões sobre a vida das pessoas, no sentido de regramentos e estatutos, referente ao campo moral, que será abordado mais adiante. Por enquanto, é importante se dar conta das consequências em termos epistemológicos, ocasionados pelas metáforas tomadas como verdade. Generalizações essas que repercutem em reavaliar a própria validade do conhecimento em geral. Pois, além de um conhecimento racional, há também um conhecimento intuitivo, que muito mais universal que o racional, se mostra mais atento à pluralidade, às diferenças. Enquanto o conhecimento racional, pelo processo de universalização generalizadora, faz de uma imagem um conceito. "O conceito é a casca vazia de uma metáfora que outrora invava a intuição".²⁰ Este acaba por eliminar as diferenças existentes nas coisas por esse dominada. Ao passo, que a intuição, sem perder a dimensão de totalidade, é atenta a cada diferença que compõe as coisas, não permitindo sufocá-las em conceitos.

Diante das atribuições referentes ao quanto a verdade possui de flexibilidade e movimento: "Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, atropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que são".²¹ Essa perspectiva da linguagem, que subjaz a construção do que se entende por verdade, faz com que se repense completamente as suas atribuições até então consideradas como indiscutíveis. Ora, se a verdade se equipara à linguagem, em suas diferentes formas e figuras: metáforas, metonímias, atropomorfismos, então urge centrar a atenção sobre

a linguagem, compreendendo as suas múltiplas atribuições. Sendo assim, "[...] a verdade tem de ter uma nova determinação a partir da superação histórica de sua fixação metafísica".²² Sendo, por essa mesma razão preferível lutar antes por uma verdade do que pela verdade em si, como atesta Nietzsche neste Fragmento Póstumo: "Lutar por *uma verdade* é algo totalmente distinto de lutar *pela verdade*".²³

A filosofia de Nietzsche, desde seus escritos de juventude até os da maturidade, dá um destaque especial ao emprego da linguagem. O filósofo se mostra muito cuidadoso no trato com a língua, demonstrando uma escrita que fala por si. E por falar por si, trata-se de tudo "[...] o que se escreve com o próprio sangue".²⁴ Porém, mais do que falar por si, e escrever com o próprio sangue, a escrita de Nietzsche estabelece um diálogo com ela mesma. Desse modo, ao interior do texto se assomam diferentes vozes a entabular uma pluralidade de discursos que configuram diferentes perspectivas. Portanto, essa multiplicidade de vozes internas forma, como pontua Claus Zittel, "[...] uma estrutura de complexas remissões internas que só podem ser formuladas como uma cadeia de diversas metáforas".²⁵ A diversidade metafórica aponta para a esfera do perspectivismo e este último não se pode confundir com relativismo, pois cada perspectiva carrega a marca indelével do sangue. Por isso, mesmo uma cultura dura, fria e cruel a tudo "[...] cobrindo de sangue"²⁶ deve escapar de todos os sintomas que impedem a afirmação da vida, bem como, todo o malogro, cansaço e degenerescência.²⁷

Em sendo a vida o critério último de avaliação, a que se ater a todas as condições mediante as quais os valores são gerados, se não estiverem na direção do fortalecimento e afirmação da vida

²⁰ FINK, 1988, p. 35.

²¹ WL/VM, I, KSA, 1.880-1.

²² STEGMAIER, 2013, p. 41.

²³ Nc/FP do verão de 1872 e início de 1873, 19[106], KSA, 7.454. Os Fragmentos Póstumos deste período de 1872 e 1873 constituem base para a redação de *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, aqui tratado no artigo.

²⁴ Za/ZA, I, Do ler e escrever, KSA, 4.47.

²⁵ ZITTEL, 2018, p. 32.

²⁶ GM/GM, I, 11, KSA, 5.276.

²⁷ Em Nietzsche a verdade pode ser apresentada em seu sentido epistêmico e no sentido estilístico, que embora estejam ambos ligados, se distinguem quanto a sua finalidade. Quanto ao primeiro, se liga toda a crítica à verdade em seu sentido racional metafísico e quanto ao segundo à crítica à cultura no sentido de conceitos que se enrijeceram, perdendo o movimento e a flexibilidade, próprios da dimensão orgânica da vida.

devem ser ultrapassados, desconstruídos. Todo este esforço em prol da afirmação da vida, em termos linguísticos, resulta em beleza, mas também em obscuridade, de modo que a leitura se torna, ao mesmo tempo que prazerosa, também difícil: por que fugir da paz e correr na direção da guerra e do sangue? A sensação que se tem em meio à literatura nietzschiana, muitas vezes, é a de estar em um labirinto, de tantas perspectivas que se abrem, ao ponto de não se saber mais qual delas tomar para seguir o desenvolvimento de seu raciocínio. Neste sentido, a primeira tarefa a que o próprio filósofo convida o leitor, ao empreender a leitura de seus escritos, é a de desconstruir pressupostos e bases pré-estabelecidos. Pois, com estes velhos pressupostos, se entra na leitura de Nietzsche com lentes incapazes de enxergar a tessitura, mediante a qual a sua escrita é tecida, no que diz respeito, principalmente, às suas diferentes nuances e significados que explodem diante do edifício de compreensão que a tradição metafísica tem construído.

O filósofo de Naumburg convida o leitor de seus escritos a trilhar caminhos incógnitos, a descortinar sendas desconhecidas e veredas inusitadas e estratégicas. Neste caminhar, a escrita nietzschiana se apresenta como uma verdadeira dança, a envolver o leitor por direções que apontam para o extemporâneo. A linguagem nietzschiana ressignifica o conhecimento, de sua centralidade fundada em um modelo de razão sistemática, passa para uma intuição assistemática. Pela intuição, o conhecimento se abre a uma visão mais ampla sobre o mundo, de sorte que tudo passa a ser considerado enquanto parte integrante de um todo, e não mais como parte isolada, ou mesmo separada, cindida. A nova episteme intuitiva se empenha, mediante a linguagem, em suas diferentes figuras, a cobrir aquelas fissuras que o modelo racional não era capaz, pelo seu excesso de sistematicidade e uniformidade. Com isso, o filósofo se lança a

superar aquela "[...] obrigação de mentir segundo uma convenção sólida, mentir em rebanho, em um estilo obrigatório para todos".²⁸

Contudo, é preciso superar, também, o comodismo que se depreende da obrigação em mentir em rebanho: "Se a mentira segue a convenção linguística, é porque acredita que dizer a 'verdade' é muito mais cômodo e vantajoso. Enquanto a mentira exige invenção, a verdade reclama apenas obediência ao que foi acordado".²⁹ Uma vez desmantelada aquela unidade sólida do rebanho que obriga, Nietzsche abre para uma nova dimensão em termos de conhecimento. Um conhecimento que, ao ultrapassar a esfera da razão, atinge uma nova esfera, que permite perceber toda a sorte de nuances e interpretações em torno a aplicação de conceitos às coisas. De modo que aquilo que fora designado como algo, já abre para a possibilidade de não o sê-lo mais; ou, pelo menos, não apenas e somente aquilo, mas como possível de ser diferente. Nietzsche permite que a riqueza de uma imagem não se dissolva em um conceito e em um esquema racional. O filósofo conduz "[...] ao outro mundo intuitivo das primeiras impressões como o mais sólido, o mais universal, o mais conhecido, o mais humano e, por isso, como o regulador e imperativo".³⁰ O conhecimento, dentro desta nova configuração, abre para uma forma de regulação e imperativo atenta ao mais próprio da realidade humana, na sua realidade a mais orgânica, com todas as suas disposições anímicas. Desse modo, configura o ser humano ao que lhe é próprio, o de não se deixar enquadrar em esquemas e modelos racionais.³¹ Mas, lhe permitir acesso ao mais vasto universo de impressões que se apresentam de maneira a mais inusitada e imediata possível. Essas impressões não são outra coisa senão o atingir de pontos culminantes de força abrangendo o todo, não passam de instantes a dar lugar a sempre novos instantes igualmente culminantes.³² "Eis, portanto, [...] a nova deter-

²⁸ WL/VM, I, KSA, 1.881.

²⁹ MARTON, 2000, p. 207.

³⁰ WL/VM, I, KSA, 1.881-2.

³¹ Ainda que fale de intuição, este é, também, um modo racional de conhecer, pois se tem como meta o conhecimento, que se caracteriza como esclarecimento, clarificação, o que se traduz em razões para tal.

³² Nietzsche fala de Pontos Culinantes de Força nos Fragmentos Póstumos de 1889, *Macht- Höhepunkte*. (Cf. Nc/PF do outono de

minação de verdade de Nietzsche [...] ser uma articulação de condições em si plural, [...] e nela ser vontade de apropriação e de intensificação, a qual, [...] alcança perspectivamente sempre mais além".³³ Neste sentido, a verdade, na medida em que atinge um nível e uma intensificação maior de força, passa a ser necessária ao ser humano, pois assim afirma a vida: "O que a verdade faz com os homens! Quando se acredita possuir a verdade, a vida mais elevada e pura parece possível. A *crença na verdade* é necessária ao homem".³⁴

Toda esta gama de impressões universais, que são as intuições, se abre à multiplicidade de perspectivas de interpretações. O filósofo alemão traduz a riqueza de interpretações, para além dos efeitos resultantes de modelos esquemáticos, do modelo racional metafísico, para inscrevê-las em um modelo de racionalidade, entendido como forma de expressão, em que "[...] a verdade converte-se num *poder*",³⁵ situada no campo da infinita capacidade de criar. Neste sentido, o filósofo, compreendido em seu sentido geral, já não é mais um esquematizador de ideias, e sim um decifrador de enigmas, pela sua capacidade de interpretação no seio da multiplicidade de metáforas, um filósofo criador, um artista. Quais as implicações estéticas, mediante as quais a linguagem se configura no pensamento nietzschiano?

2 A arte como expressão do criador que fala e sente

O universo metafórico, inaugurado pela imensa gama de interpretações a que está sujeito uma determinada expressão, faz com que os conceitos estabelecidos sob um rígido esquema racional

já não encontrem mais sentido, pois linguagem e metáfora se encontram ligados à dimensão perspectiva.³⁶ A frieza destes conceitos escapa à riqueza de movimentos e nuances que a metáfora abrange.

Enquanto cada metáfora intuitiva é individual e sem igual e, por isso, sabe escapar a toda rubricação, o grande edifício dos conceitos ostenta a regularidade rígida de um columbário romano e respira na lógica aquele rigor e frieza, que são da própria matemática.³⁷

Uma metáfora não se enquadra naquele esquema próprio da rigidez conceitual comandada pela razão metafísica, pois ela não se adapta à lógica que preside a relação causa e efeito, no sentido kantiano, que habita cada conceito, tal como a modernidade ocidental tem apresentado.³⁸ O campo de ação da metáfora possui um raio de alcance infinito, rompendo toda a previsibilidade que se depreende dos esquemas da razão. Como recorda Sarah Kofman, a filosofia de Nietzsche, ao quebrar paradigmas nos limites daquilo que se entende como pensamento, apresenta um estilo para além da ciência e da poesia, mediante "[...] métodos incríveis e subversivos. Entre eles um uso privilegiado, incomum na filosofia, as metáforas".³⁹ A metáfora possui uma inspiração que provém da intuição, por isso, é sempre nova e original. Essa originalidade encontra no criar artístico a sua mais perfeita expressão. Por isso, "Nietzsche também aqui toma posição contra o homem 'teórico' e a favor do artista".⁴⁰

O criar artístico tem, na expressão metafórica, a sua intuição mais original. E é este movimento de criação, a expressão da força que, ao per-

1887, §18], KSA, 12.343). O Filósofo alemão utiliza esta expressão para se referir a Deus. Para mostrar que Deus não é uma realidade engessada, mas em constante estado de mudança. Uma realidade que a todo instante busca assenhoração. Esta mesma expressão aqui é aplicada ao conhecimento, como algo que, ao ultrapassar os ditames dogmáticos, se manifesta como algo sempre em suspenso e, ao mesmo tempo, propenso a se plenificar em cada instante que se atinge.

³³ STEGMAIER, 2013, p. 49.

³⁴ Nc/FP do verão de 1872 e início de 1873, 19[175]. KSA, 7.473.

³⁵ Ibidem, 19[204], KSA, 7.482.

³⁶ Toda compreensão acerca do conhecimento, em Nietzsche não é diferente, se ampara em esquemas. O ponto central é que Nietzsche questiona os pressupostos de uma verdade unívoca e universal, tal como a tradição entendia, ao ponto de se tornar a-histórica via conceito fixo. É esse pressuposto que está em questão. Justamente essa crítica abre para uma noção perspectivista.

³⁷ WL/VM, I, KSA, 1.882.

³⁸ Não se trata de desconsiderar todo o esforço que a civilização ocidental oferece no sentido de dar um passo sempre mais significativo no que diz respeito a apresentar, com maior clareza, o conhecimento, que passa por uma lógica causa e efeito, bem como outras dicotomias da razão científica. Mas, se busca percorrer um itinerário que aponta para algumas consequências que um tipo de razão metafísica pode oferecer para a compreensão da vida e do ser humano.

³⁹ KOFMAN, 1983, p. 12.

⁴⁰ FINK, 1988, p. 35.

passar todos os componentes do mundo, no ser humano, alcança o seu estatuto estético: a expressão mais alta que a força pode atingir. Desse modo, se aprende "[...] dos artistas [...] que permanentemente se dedicam a tais invenções e artificios [...] ver as coisas de soslaio e como que em recorte – ou dispô-las de forma tal que eles encubram parcialmente umas às outras e permitam somente vislumbres e perspectivas".⁴¹ A força, entendida na perspectiva estética, é verdadeiramente criadora, como experiência que fala e sente, ou seja, que se expressa com toda a sorte de signos linguísticos e destes inaugura o âmbito de plenitude de vida, entendido como sentir, como uma experiência de totalidade, de plenitude de vida. Para além de uma expressão da vivência pessoal do artista a arte é, segundo Anna Hartmann Cavalcanti "[...] sair de si, o estado de embriaguez dionisiaco, despojado do eu e do querer consciente".⁴² À medida em que se adentra nessa esfera do criar artístico, tanto mais se realiza a experiência de embriaguez, um estado de criação musical, em que "[...] nascem as imagens da poesia lírica",⁴³ pela quebra de todos os esquemas padronizadores que a razão tem preconizado e obrigado. Esta quebra de padrões aponta para o âmbito perspectivístico, dado que "[...] na vida não há nenhum 'mundo' comum, pois cada um o vê inevitavelmente sob a 'ótica' de sua perspectiva".⁴⁴

No âmbito estético a linguagem ocupa espaço privilegiado, pois, mediante a sua vasta gama de figuras avança rumo a terras inóspitas, misteriosas e inauditas. Espaços estes jamais enfrentados pelo âmbito da razão metafísica, pois escapam ao seu raio de alcance. O intuir estético permite ultrapassar a dureza dos esquemas e sistemas racionais para penetrar o âmbito dos mistérios e enigmas, com o intuito de decifrá-los. Neste sentido, a arte se mostra como arte de decifração de enigmas, uma arte que, ao ultrapassar o âmbito do conceito, avança para o âmbito do

metafórico. E, por essa razão, a cada instante, o criar artístico inaugura figuras linguísticas que açambarcam o todo da vida. São expressões que acompanham cada instante da vida que se constrói em experiências de totalidade. A partir destas experiências, "[...] o gênio construtivo do homem se eleva nessa medida, muito acima da abelha: esta constrói com cera, que recolhe da natureza, ele com a matéria muito mais tênue dos conceitos, que antes tem de fabricar a partir de si mesmo".⁴⁵ A arte do criar humano tem a si mesmo como referência, é sempre um processo de criar a partir de si, como movimento de afirmação de si mesmo, de ser si mesmo; pois é ele mesmo quem fala e quem sente, ou seja, quem experimenta a plenitude da vida.

É no âmbito do filósofo artista que Nietzsche assenta as bases do conhecimento; pela sua capacidade de criar a partir de sua própria referência: ele constrói um edifício de significações, que, em seu conjunto, alcança uma pluralidade de sentidos. De sua experiência interna, o criador faz emergir a descarga da força, expressa na imensa capacidade de construir, cuja genialidade não se assenta sob a cera externa, mas sob a base frágil de conceitos, incapazes de constituir sentido. Eis, com que arte que o filósofo é capaz de estender a sua imensa disposição criativa, a ponto de fazer do frágil e incapaz a base de sustentação sob a qual se assenta a pluralidade de interpretações.

O filósofo artista, com seu trato fino sobre as coisas, sabe que não pode tomar as coisas tal como elas são em si, tratando os objetos como coisas em si mesmas. Mas, movido por sua arte de interpretação, reconhece que aquilo que se julga como coisa em si, nada mais são senão metáforas geradas pela intuição original sobre as coisas. Estas, por isso, não podem ser tomadas como as coisas mesmas, mas interpretadas, decifradas. Para tanto, é preciso ultrapassar a frieza estreita e inflexível do universo conceitual

⁴¹ FW/GC, 299, KSA, 3.538.

⁴² CAVALCANTI, 2007, p. 187.

⁴³ Ibidem, 2007, p. 187.

⁴⁴ STEGMAIER, 2013, p. 243.

⁴⁵ WL/VM, I, KSA, 1.882.

da razão, avançando por entre os meandros curvilíneos a que a imensa gama metafórica conduz. Neste sentido, Nietzsche: "Orienta sua filosofia segundo a arte de um 'alegre saber', cujo ideal é o da 'flexibilidade e força' da dança"⁴⁶. Por isso, é preciso ser um dançarino, que, com leveza, mobilidade e ritmo vai desenhando a mais bela coreografia.

Como o território onde o filósofo artista está situado é o do movimento, seu impulso fundamental consiste em um "[...] impulso à formação de metáforas, esse impulso fundamental do homem, que não se pode deixar de levar em conta nem por um instante."⁴⁷ No entanto, é preciso lembrar que o ser humano é também movido por um impulso à verdade, por essa razão, "Ele procura um novo território para a sua atuação e um outro leito de rio, e o encontra no mito, e em geral, na arte."⁴⁸ O mito e a arte são territórios onde o impulso é guiado a criar, configurando assim um conjunto plural de interpretações. Não que do mito e da arte não se possa alcançar a verdade, contudo, consiste em verdades, assinaladas sob diferentes bases, não mais aqueles do rígido universo conceitual da razão, mas da flexibilidade metafórica dos instintos.

A arte, como Nietzsche descreve em *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, rasga a teia conceitual⁴⁹. Ela rompe aquela certeza de estarmos sempre acordados, quando estamos, na verdade, sonhando. O sonho representa a realidade de que não se tem controle sobre tudo o que se realiza; aquele controle capaz de prever, em mínimos detalhes, os acontecimentos circundantes, dentro da rigidez da lógica causa e efeito. Pelo sonho, se é capaz, para além do saber sobre as coisas, falar e sentir. Pois ele dá vasão a um âmbito inconsciente, com uma amplitude muito maior que aquele que se pensa capaz de açambarcar, pela razão, o todo. Sonhar permite

com que se fale abertamente; logo, sem interditos de qualquer âmbito que seja, para possibilitar a vasão instintual, e assim proporcionar "[...] uma civilização e fundar-se o domínio da arte sobre a vida: aquele disfarce, aquela recusa da indigência, aquela imediatez da ilusão acompanham as manifestações de tal vida."⁵⁰ Sonhar permite sentir, profunda e intensamente, a imensa gama de experiências vitais que se manifestam em instantes de plenitude. Por isso, nestas experiências, é oportunizado colocar-se por inteiro, de modo a usufruir, ao máximo, a nobre experiência do ser si mesmo e o domínio "[...] de poder dançar."⁵¹

O manifestar da experiência artística se dá mediante a linguagem que permite não apenas um recordar de uma ideia, mas, muito mais, um experienciar a imensa pluralidade de instintos e afetos que a todo o instante buscam assenhoreamento, assim: "Figura, metáfora, símbolo e signo imbricam-se mutuamente."⁵² Trata-se de uma linguagem viva e dinâmica, uma linguagem que rompe o véu dos esquemas mentais racionais, permitindo se colocar por inteiro no campo anímico, composto por forças em embate. Neste sentido, a vida é afirmada a partir do viabilizar de sua fala, que se manifesta em busca de mais potência, de superação, que é um "[...] sentimento de transfiguração integral de todas as coisas"⁵³.

O empreendimento linguístico, desencadeado pelo pensamento de Nietzsche, não visa apenas a abertura ao campo do conhecimento intuitivo e da arte, pela superação da razão metafísica e dos esquemas lógico-sistêmicos, ainda que permaneça uma forma de racionalidade entendida enquanto disposição e impulso de expressão linguística, mas também à superação dos obstáculos interpostos pela moral. Por isso, "Não há um impulso ao conhecimento e à verdade, mas tão somente um impulso à crença na verdade. O conhecimento puro é desprovido de impulso,"⁵⁴

⁴⁶ STEGMAIER, 2013, p. 225.

⁴⁷ WL/VM, II, KSA, 1.887.

⁴⁸ *op. cit.*, 1.887.

⁴⁹ Cf. WL/VM, II, KSA, 1.887.

⁵⁰ WL/VM, II, KSA, 1.889.

⁵¹ GD/CI, O que falta aos alemães, 7, KSA, 6.110.

⁵² STEGMAIER, 2013, p.147-148.

⁵³ AC/AC, 34, KSA, 6.207.

⁵⁴ Nc/FP do verão de 1872 e início de 1873, 29[14], KSA, 7.631.

nele não há força. Crer é aderir, de maneira plena, a um fato, mais que isso, é amá-lo, para além de uma simples obediência moral. Pois, muito daquilo que foi estabelecido como verdade e mentira é originado do arcabouço sustentado pela moral. As concepções de certo e errado têm cerceado e limitado a capacidade humana de se expressar, pela incapacidade de descarga da força. Sem forças que se externem não há como dar vazão ao criar, e, com isso, também não se pode afirmar a vida. Por essa razão, na parte que segue, é explorado o papel da linguagem, enquanto viabilizador da superação da moral, para a criação de novos valores. Em que aspectos a linguagem é capaz de desconstruir as antigas tábuas de valores, para construir novas?

3 Linguagem como sentido de criação de novos valores

Àquele servilismo outrora empenhado, com ideias claras e distintas, a designar as coisas como sendo algo, mediante conceitos, dá espaço ao rico entrecruzamento metafórico que devolve o senhorio de si. "Agora ele afastou de si o estigma da servilidade: antes empenhado em atribulada ocupação de mostrar a um pobre indivíduo, cobiçoso de existência, o caminho e os instrumentos e, como um servo, roubando e saqueando para seu senhor, ela agora se tornou senhor e pode limpar de seu rosto a expressão da indignação".⁵⁵ A expressão de indignação, escrava de um senhor saqueador da existência, dá espaço a expressão de liberdade para o criar. Este senhor cobiçoso da existência representa a moral que oprime a riqueza e a pluralidade de intuições metafóricas em defesa de esquemas fantasmagóricos abstratos. Para ele, o metafórico é considerado proibido, pois rompe a rigidez imposta pelos limites conceituais e, com isso, dismantela aquela velha significação que possuem os valores, responsáveis pela regulação da vida.

O dismantelamento da rigidez conceitual não

corresponde apenas a um caminho que conduz a um conhecimento intuitivo, nem a uma fruição estética, mas, acima de tudo, a crítica à moral, pela criação de novos valores. Oswaldo Giacóia Júnior mostra que: "Nietzsche está convencido de possuir agora maior maturidade e uma linguagem especial para os problemas que formulara antes".⁵⁶ Mediante este expediente linguístico se acredita ultrapassar estes valores apoiados ao ineditismo, para os colocar em um novo solo, sob um novo referencial que desfaz as armações do universo abstrativo sob os quais se sustentava. Os novos valores, proporcionados pela linguagem metafórica, estão escritos não mais na "[...] tábua da salvação da indignação e que agora não é guiado por conceitos, mas por intuições".⁵⁷ Intuições estas que conduzem a um universo que desconcerta todas aquelas antigas noções de certo e errado, de bem e de mal, de modo que já não fazem mais sentido. Segundo Ashley Woodward, Nietzsche emprega uma estilística para chamar atenção sobre questões que considera fundamentais. "Talvez algumas das hipérboles de seu estilo de escrita possam ser atribuídas à frustração de um homem que sentia ter coisas importantes a dizer, mas que ninguém estava dando ouvidos".⁵⁸ Diante destas intuições se produz desconcertamento de uma proporção tão grande que palavra nenhuma consegue descrever, se produz o emudecimento e a fala resultante se dá em nada senão metáforas entretidas "[...] em arranjos inéditos de conceitos, para pelo menos através da demolição e escarnecimento dos antigos limites conceituais corresponder criadoramente à impressão de poderosa intuição presente".⁵⁹ Os conceitos edificados em séculos de intensa atividade abstrativa são demolidos para, em seu lugar, dar espaço a intuições, que se constituem em instantes de plenitude. Cada instante vem marcado pelo selo do inédito, do novo, do inusitado, de modo que deste solo criador possam frutificar valores sempre novos,

⁵⁵ WL/VM, II, KSA, 1888.

⁵⁶ GIACÓIA, 2000, p. 59.

⁵⁷ WL/VM, II, KSA, 1888.

⁵⁸ WOODWARD, 2016, p. 43-44.

⁵⁹ WL/VM, II, KSA, 1889.

que escapam aos limites conceituais doutrinários. Nietzsche se utiliza de um estilo “[...] literário de escrita que expõe as ideias apenas para então destruí-las, sem prometer substituí-las por outras verdades”.⁶⁰

Como de uma determinada expressão linguística pode ser derivada uma infinidade de perspectivas de interpretação, assim esta mesma multiplicidade perspectivística incide sobre aquele conjunto de leis morais doutrinárias que se pretendem imutáveis. A fluidez da linguagem permite que uma lei moral se abra em múltiplas possibilidades de interpretação. Tudo o que passa pelo crivo da língua se desdobra em perspectivas interpretativas que a cada instante dão origem a sempre novas interpretações. Desse modo, há “[...] uma afirmação positiva de Nietzsche do jogo de forças em que cada uma tem sua própria perspectiva interpretativa”.⁶¹ Uma determinada interpretação consiste em um instante de plenitude, contudo, não passa de um instante a abrir-se a outro, e, assim sucessivamente. Não há verdade moral, e sim perspectivas interpretativas. No próprio fenômeno do impulso à verdade Nietzsche reconhece, como escreve André Luiz Muniz Garcia, a prefiguração de um impulso à moral – “Essa convergência entre *impulso à verdade e impulso à moral* pretende revelar que a partir da *vontade de estabilização de sentido* pelo nome “*verdade*” [...] o homem alcançou meios para legislar”.⁶² Se compreendeu este duplo impulso como necessidade de ordenar, fixar aquilo que na vida permanece instável. Quando, antes, a verdade pode ser útil à vida na medida em que oferece condições para a sua flexibilização. “Ao ato de verdade, portanto, significa essencialmente pôr-se em *liberdade* e, uma vez que com isso são criadas condições de vida, significa reinterpretar, ‘transvalorar’”.⁶³

É curioso que, neste texto de juventude Nietzsche introduza os diferentes temas que irá desenvolver ao longo de seu pensamento maduro,

incluindo, o tema central de seu pensamento de maturidade: a moral. Em torno a esta temática, retomada, de maneira mais particular, a partir de Aurora, e mais sistematicamente em *Para a Genealogia da Moral*, o filósofo alemão irá tecer a maior parte de seus desenvolvimentos filosóficos, a meta principal de suas críticas endereçadas à cultura ocidental. A moral é detectada, pelo filósofo, como o principal entrave para o florescimento da cultura, entendida em suas mais diferentes manifestações, desde o conhecimento, a arte e a religião. Dado que a linguagem consiste em um fenômeno que perpassa todas as dimensões da vida e da cultura, é por meio dela que o filósofo de Naumburg pretende se impor no sentido de atacar um de seus mais fortes obstáculos: a moral. Do fenômeno da moral se depreende toda a sorte de enrijecimentos que envenenam e enfraquecem aqueles instintos promotores de vida. A moral atua como fator de impedimento à manifestação da descarga da força, de modo a tornar toda a carga instintiva direcionada para dentro, tornando essa mesma força como veneno, esterco que, ao apodrecer, gera doença, pela degenerescência dos instintos. Uma vez degenerados, os instintos não podem mais contribuir com o florescimento da vida, fazendo com que essa sucumba. Pelo contrário, uma vez munido da imensa carga das perspectivas de interpretação linguísticas, a direção da força passa a ser invertida: de dentro passa a ir para fora. “Há em mim algo insaciado, insaciável, que deseja se pronunciar. Uma ânsia de amor se acha em mim, e ela mesma fala a linguagem do amor”.⁶⁴ Aquele engessamento moral ao ser alavancado, pela perspectiva linguística, permite extravasar em ânsia de amor através da multiplicidade de interpretações; este “[...] modo de escrita e de filosofar [...] tenta transmitir uma ‘força afetiva’”.⁶⁵ Se algo foi convencionalizado, por força de lei, a ser designado como sendo duro, amarelo, compacto, então, mediante a dimensão da linguagem

⁶⁰ WOODWARD, 2016, p. 202.

⁶¹ Ibidem, 2016, p. 148.

⁶² GARCIA, 2013, p. 13.

⁶³ STEGMAIER, 2013, p. 55.

⁶⁴ Za/ZA, II, O canto noturno, KSA, 4.136.

⁶⁵ WOODWARD, 2016, p. 64.

perspectivística aquele enrijecimento dá espaço a algo poder ser não apenas de uma outra forma, mas de múltiplas outras formas. A diferença de cada forma vai depender da perspectiva que se adota, mudando a perspectiva, altera-se a forma com que algo se apresenta. Dentro de uma esfera moral, é impensável se lidar com a dimensão da perspectiva, já que tudo se apresenta como imutável. A imutabilidade de um determinado conceito está na base de um

[...] impulso à verdade: pois até agora só ouvimos falar de obrigação que a sociedade, para existir, estabelece: dizer a verdade, isto é, de usar as metáforas usuais, portanto, expresso moralmente: da obrigação de mentir segundo uma convenção sólida, mentir em rebanho, em um estilo obrigatório para todos.⁶⁶

Do impulso à verdade demanda um esforço de, em sociedade, em rebanho e sob a pressão de uma obrigação moral, estabelecer conceitos que tenham uma abrangência universal. Diante disso, o filósofo levanta a seguinte reflexão: como igualar o inigualável? Pois, se tudo é múltiplo e variado, então não se é capaz de operar com um registro universal válido para o todo. Por essa razão, é possível considerar que "[...] Nietzsche é um precursor da desconstrução e seu emprego da dupla estratégia de inversão e deslocamento de oposições binárias opostas".⁶⁷

O fenômeno da moral apresenta um outro aspecto que corrobora à tese de Nietzsche que trata do rebanho. Desse modo, tudo aquilo que se veicula como verdade, carrega a marca do rebanho, ou seja, outros irão repetir da mesma forma, de modo que tais verdades adquiram a marca da instituição. Se acaba institucionalizando uma verdade, mas que não passa de apenas uma perspectiva de interpretação. Tornar uma perspectiva de interpretação linguística uma verdade universal, consiste em forçar, sob obrigação moral, a fazer da mentira uma verdade.

Por mais discutível que seja esta concepção de linguagem, essencial aqui não é a teoria nietzschiana da linguagem ou a sua teoria dos

conceitos, mas sim aquilo em que consiste, segundo Nietzsche, a 'mentira' da linguagem, a 'mentira' dos conceitos, mentira tomada no sentido extra-moral do termo. 'As verdades são ilusões de que o homem se esqueceu que eram ilusões'; a inconsciência no uso de palavras e conceitos, isto é, o esquecimento do caráter problemático da sua formação, é a condição de uma vontade honesta e científica de verdade.

Se mente abertamente, acreditando ser verdade, e mais, obrigando aos outros a também aderirem a estas mentiras. Tudo isso sob o peso da moral que obriga e subjuga. "No sentimento de estar obrigado a designar uma coisa como 'vermelha', outra como 'fria', uma terceira como 'muda', desperta uma emoção que se refere moralmente à verdade".⁶⁸ O impulso à verdade é um impulso moral, um impulso que conduz a força a uma direção contrária àquela que poderia ser efetivamente criadora, para ser uma espécie de força degenerada, doente, incapaz de promover a vida. Por essa razão, a multiplicidade de interpretações linguísticas conduz a inversão da direção da força, de modo a torná-la criadora, pelo dismantelamento das construções morais em perspectivas, tendo como fruto uma imensa gama de produção de sentido. Trata-se de produção de sentido impulsionado pela linguagem em perspectivas de interpretação, mediante a qual, necessariamente, participa uma forma de racionalidade que aponta para a criação estética em arte e dança. Para além da rigidez conceitual, transposta em verdade, se encontra na delicadeza da arte e na flexibilidade e leveza da dança elementos que apontam para o movimento em perspectivas. A linguagem consiste em uma forma de racionalidade, enquanto impulso de expressão da verdade em perspectivas.

Considerações finais

Estas breves considerações em torno do problema da linguagem, longe de intencionar esgotar o assunto, que em Nietzsche se apresenta em centenas de páginas de seus escritos, contri-

⁶⁶ WL/VM, I, KSA, 1.881.

⁶⁷ WOODWARD, 2016, p. 156.

⁶⁸ WL/VM, I, KSA, 1.881.

buíram para levantar algumas pistas de reflexão. Pois, pela crítica à metafísica em seu aspecto essencialista e pela desconstrução do sujeito moral se inscreve o problema da linguagem.

A problemática linguística decorre da crítica à concepção de verdade, compreendida sob a lógica de uma designação sólida e estática das coisas, típica da tradição metafísica. Nietzsche lança suspeita sobre o determinar algo com quaisquer que sejam as designações. Estas últimas, para o filósofo alemão, não passam de metáforas das coisas, com pretensão de validade eterna e universal. Como metáforas, estão submetidas a diferentes perspectivas de interpretação. Assim, mudando a perspectiva, diferente é a interpretação resultante. Logo, nenhuma metáfora pode ser tomada como verdade eterna e universal, já que o fluxo de mudança de perspectivas de interpretação é constante. Por essa razão, o fenômeno da linguagem ocupa no pensamento de Nietzsche um papel fundamental, tanto como conteúdo quanto como forma de pensamento. Como conteúdo, pelo papel que a linguagem, enquanto perspectiva de interpretação, desconstrói as edificações metafísico moral da tradição ocidental. Como forma de pensamento, pelos inúmeros expedientes linguísticos que o filósofo emprega em sua exposição escrita, como é o caso das metáforas e dos aforismos.

Ao longo destas páginas, foram descritas três implicações do fenômeno da linguagem, em Nietzsche, para a constituição de seu pensamento: o conhecimento em sua dimensão epistemológica, a estética decorrente das formas com que a linguagem se apresenta e a transvaloração dos valores morais pela crítica ao fenômeno da moral.

O conhecimento, tal como compreendido pela tradição metafísica, em sua lógica causa e efeito, atua sobre as coisas de modo a torná-las enrijecidas. Neste sentido, toda a riqueza com que as coisas se apresentam em suas diferentes nuances, acabam sendo solapadas. Por isso, Nietzsche se pergunta em que medida é possível atribuir verdade a uma realidade tão múltipla e variada, a saber, o mundo. Diante desta multiplicidade com que se caracteriza o mundo, o

conhecimento já não tem mais como se utilizar do esquema da razão metafísica, ainda que uma forma de racionalidade, entendida enquanto impulso de expressão, permaneça. Pois enquanto àquela razão metafísica segue um itinerário de separação e seleção, fixando-se em partes isoladas sob uma rígida lógica sistemática, esta razão, enquanto impulso de expressão, se mostra aberta ao criar, tendo em vista toda a riqueza de que se compõe as coisas. Ao invés de se ater a partes isoladas das coisas, Nietzsche se lança, com ímpeto, ao açambarcamento do todo. Para tanto, não pode mais se valer daquele velho esquema da razão lógico-sistemática, mas da intuição. Pela intuição, o conhecimento dá uma guinada em direção ao todo, desfazendo o rígido esquema lógico sistemático, para empenhar-se com as coisas em sua integralidade totalizante. A nova episteme intuitiva nietzschiana rompe a rigidez do esquema racional metafísico para investir em totalidade, movimento e fluidez.

A estética, inaugurada pela riqueza de formas com que o pensamento de Nietzsche se apresenta, produz um novo alavancamento. Daquela frieza e formalidade que marcam tanto o pensamento como a escrita, em Nietzsche se abre espaço ao calor da informalidade, tanto no pensamento, pelo agregar de sempre novos pontos de inflexão, como pela escrita, pela multiplicidade de figuras de linguagem de que é constituída. Se a tradição ocidental inaugurou um modelo de pensamento alicerçado sobre a lógica da causalidade, em tudo possui uma previsibilidade, então, a filosofia inaugurada pelo filósofo de Naumburg apresenta um pensamento amparado sob a lógica do criar, em que se abre ao novo, pelo romper com a rigidez esquemática. Para tanto, é necessário colocar-se em uma posição de docilidade ao mundo permitindo externar a carga instintual, da qual se está cheio, em vontade de potência, alavancando assim o criar em multiplicidades de interpretações, sendo o filósofo um decifrador de enigmas.

A transvaloração de todos os valores, decorrente da multiplicidade de formas com que a linguagem se apresenta, rompe o rígido esquema

da moral. Uma vez desmantelada em suas bases, a moral se dilui em uma multiplicidade de pequenos valores inscritos em novas tábuas. Estes valores não mais obedecem àquela antiga lógica do dever pelo dever, mas apresentam múltiplas possibilidades de decifração, implicando em uma vivência marcada pela fruição do novo, e que a cada instante atinge pontos sempre mais culminantes de potência. Todo o pensamento de Nietzsche se inscreve na lógica do criar, o que impõe a tarefa do desconstruir, desmantelar, destruir antigos valores, para assim construir sobre novas bases, a vida. Sendo a vida o critério da construção de valores, nada permanece como está, mas tudo muda, se transforma, de modo a provocar a constante superação em instantes que se plenificam.

Pela nova perspectiva linguística, Nietzsche inaugura uma transição que se dá do conhecimento racional metafísico para o conhecimento intuitivo, o qual ainda que racional, entendido enquanto impulso de expressão, é aberto ao criar. A intuição revela uma esfera aberta à totalidade que, fugindo à lógica causa e efeito, aponta para o âmbito do criar estético. Sendo o filósofo um criador, os valores morais passam a ser transvalorados. Logo, a linguagem, em Nietzsche, proporciona um redimensionamento vitalista que repercute nos âmbitos do conhecimento, da estética e dos valores. Sendo que, por essa mesma razão, o filósofo alemão continua operando no registro da razão, em detrimento a toda a sua negação, já que está em jogo um impulso, uma vontade de expressão e essa, mesmo que seguindo a linha da criação estética, se utiliza de razões para a sua expressão, razões essas que quebram a cadência da lógica causa efeito para adentrar à lógica da arte e da dança: eis a verdade, uma verdade perspectiva.

Referências

CAVALCANTI, Anna Hartmann. Música, linguagem e criação e Nietzsche. In: Discurso Revista de Filosofia, São Paulo, n. 37, p. 183-199, 2007

DERRIDA, Jacques. Esporas – os estilos de Nietzsche. Tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013.

FINK, Eugen. A Filosofia de Nietzsche. Tradução de Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1988.

GARCIA, André Luis Muniz. A construção interpessoal do sentido moral de verdade: considerações sobre a filosofia do jovem Nietzsche. Veritas, Porto Alegre, v. 58, n. 3, p. 1-24, set./dez. 2003.

GIACÓIA, Oswaldo. Nietzsche. Folha Explica, São Paulo: Publifolha, 2000.

KOFMAN, Sarah. Nietzsche et la métaphore. Débats. Paris: Éditions Galilée, 1983.

MARTON, Scarlett. Nietzsche. Das forças cômicas aos valores humanos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. (Humanitas)

MODERNIDADE. In: SILVA, Ivo Jr. Dicionário Nietzsche. São Paulo: Loyola, 2016. p. 307-309.

NIETZSCHE, F.W. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Verlag de Gruyter, 1999. 15 Bd.

NIETZSCHE, F. W. Sämtliche Briefe: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1986. 8 Bd.

NIETZSCHE, F. W. Obras incompletas. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

NIETZSCHE, F.W. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

NIETZSCHE, F. W. A gaia ciência. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. Assim falou Zaratustra. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. W. Para a Genealogia da Moral. Uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F.W. O Anticristo e Dítirambos de Dionísio. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NIETZSCHE, F. W. Crepúsculo dos ídolos. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

STEGMAIER, Werner. As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche. Coletânea de artigos: 1985-2009. Organização de Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Muniz Garcia. Tradução de Oswaldo Giacóia Jr, Antônio Edmilson Paschoal, Anna Hartmann Cavalcanti, André Luis Muiniz Garcia, Jorge Luiz Viesenteiner, Marta Faustino. Petrópolis: Vozes, 2013.

WOODWARD, Ashley. Nietzscheísmo. Tradução de Diego Kosbiau Trivisan. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZITTEL, Claus. Sentenças, rupturas, contradições. Provocações e problemas de interpretação a partir das relações e das perspectivas narrativas no Assim falava Zaratustra de Nietzsche. Tradução de André Itaparica. Cadernos Nietzsche, Guarulhos, v. 39, n. 2, p. 29-48, maio/ago., 2018.

Adilson Felício Feiler

Doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor no PPG em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Adilson Felício Feiler
Rua P. Aloysio Sehnem, 186
B. Cristo Rei, 93022-630
São Leopoldo, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação